

Negociações externas sob novo prisma

Divida externa

A Nova República vem afirmando seu estilo próprio no domínio econômico com mais rapidez que em outras áreas. A afirmação não é só de estilo mas êxitos vêm sendo conquistados. O fato é surpreendente pois se esperava resultados mais concretos justamente no domínio político onde, acreditava-se, as conquistas seriam mais rápidas.

Depois da obtenção de taxas inflacionárias em queda, chegou a vez do acerto sobre a nossa dívida externa. O ministro Francisco Dornelles parte quarta-feira à noite para os Estados Unidos para uma negociação em que o Brasil se coloca em posição bem diversa da que adotava anteriormente. Com os êxitos iniciais no combate à inflação a autoridade de nosso representante é indiscutível. A ótica de nossas autoridades mudou e isto é essencial.

Antes da Nova República nossas autoridades se comportavam sob a pressão constante do FMI procurando atender às solicitações de nossos fiadores internacionais. Hoje, o governo adota posição completamente diferente. Não executa uma política sob pressão externa e sim entendendo que a inflação e o déficit público têm de ser combatidos para que nossa economia encontre bases de crescimento e recuperação, ataca decididamente nossos problemas básicos. Nossas metas nestes domínios são fixadas autonomamente e, diga-se de passagem, são muito mais exigentes que as solicitadas pelos diretores do FMI. Passamos de devedores que tinham de dar explicações sobre nosso comportamento à

situação de um país que combate seus males.

No plano das negociações externas a diferença de tônica também se faz sentir. Os princípios que orientarão nossas autoridades são os que foram enunciados pelo falecido presidente Tancredo Neves. O Brasil é e sempre foi um bom pagador. Devemos e pagaremos aos nossos credores. O faremos, mas para que isto aconteça é indispensável que nossa economia progrida, que haja uma margem de investimentos internos que permita nosso crescimento econômico. As negociações não se darão, também neste domínio, sob pressão. Os acertos já realizados parecem ser satisfatórios. Poderemos cumpri-los sem que nossa economia seja sufocada.

A rigor, nosso endividamento chegou a tal nível que muitas das agências credoras têm o máximo de interesse em que nossa economia se comporte favoravelmente. Estão portanto interessados em negociar em termos que convém também ao Brasil. O fato novo que se pode registrar no domínio das negociações com nossos credores é o do surgimento de uma autonomia de nosso comportamento. São nossos representantes que apresentarão as metas que poderemos cumprir. Não mais estaremos a ser colocados de costas contra a parede.

A reconquista da confiança no plano internacional não deixará de influenciar o comportamento dos agentes econômicos internos. Hoje o entrelaçamento das atividades econômicas é tal, que êxito ou fracasso em uma das frentes repercuta necessariamente nas demais.